

A PROCESSÃO DIVINA E OS GÊNEROS SUPERIORES NO LIVRO II DE *SOBRE OS MISTÉRIOS*, DE JÂMBLICO DE CÁLCIS

THE DIVINE PROCESSION AND THE SUPERIOR GENDERS IN THE BOOK II OF ON THE MYSTERIES BY IAMBLICHUS

Fernanda Lemos de Lima¹

Resumo: O presente estudo tem por objetivo apresentar uma breve apreciação da maneira como o filósofo Jâmblico de Cálcis, um neoplatônico, discute a processão divina e seus componentes, no que diz respeito à essência, à força, à atividade e a outros modos de manifestação do divino diante do humano, no livro II da obra *Sobre os mistérios*. Após uma breve introdução ao autor e à problemática da autoria da obra, observa-se a maneira como o filósofo sírio expõe as perguntas de seu antigo mestre, Porfírio, que são a causa-pretexo para a elaboração da argumentação, e o modo como ele apresenta a processão divina. Tal processão não é apenas composta pelos elementos mais comuns nas discussões filosóficas anteriores e coetâneas, como *daímones*, heróis e almas, é apresentada de maneira panorâmica mais detalhado dos diversos gêneros do divino, como os deuses, arcontes, arcanjos e anjos. Para tanto, será feito um contraponto com o pensamento de Plotino, além de se contar com o apoio de teórico de Taormina, O'Meara, Baracat Júnior e Smith.

Palavras-chave: Jâmblico. Neoplatonismo. Processão Divina. Teurgia.

Abstract: The purpose of the present study is to present a brief appreciation of the way the Neo-Platonic philosopher Iamblichus discusses the divine procession and its components, with regard to essence, force, activity and other divine manifestation modes to the human in the book II of *On the mysteries*. After a brief introduction to the author and the problematic of the authorship of the work, this study observes how the Syrian philosopher expounds the questions of his former master, Porphyry, which are the pretext for the elaboration of the argument, and the way in which he presents the divine procession. This procession is not only composed of the most common elements in philosophical discussions, such as daimons, heroes and souls, but offering a more detailed account of the various genres of the divine, such as the gods, archons, archangels, and angels. In order to do so, a counterpoint will be made to Plotinus's thought, and it will have the theoretical support of Taormina, O'Meara, Baracat Júnior and Smith.

Keywords: Iamblichus. Neoplatonism. Divine procession. Theurgy.

* * *

O filósofo cuja obra é objeto de investigação do presente estudo, aos poucos, vem sendo redescoberto pelos estudos de filosofia, história e tradução voltados para as

¹ Professora Associada no Instituto de Letras - Centro de Educação e Humanidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: fernandalimagr@gmail.com

produções da antiguidade tardia e, em especial, do chamado neoplatonismo. O presente estudo é uma parte dos resultados do trabalho que vem sendo realizado durante pesquisa² cujos objetivos são bastante mais amplos, a saber, a tradução completa dos dez livros da obra *Sobre os mistérios* e a constituição de um vocabulário dessa obra de Jâmblico.

Antes de abordar especificamente o tema dos gêneros superiores no livro II de *Sobre os mistérios*, é interessante oferecer ao leitor algumas breves informações sobre o contexto do neoplatonismo, sobre o filósofo e, mais especificamente, sobre a obra em tela cuja autoria já oferece questionamentos.

Um autor bastante relevante nos estudos do neoplatonismo, O'Meara, em seu livro *Platonopolis: Platonic Political Thought in Late Rome*, indica que as marcas daquilo que viria a ser nomeado como pensamento neoplatônico surgem no século III da era Cristã e poderia se considerar a existência de quatro círculos de estudos dessa vertente filosófica. Um deles seria o de Plotino do qual fazia parte Porfírio; outro, de maior interesse para a presente investigação, seria o de Jâmblico na Ásia Menor, o qual dataria do século IV, sendo posterior à escola de Plotino. Mais tarde, ainda, teria existido a escola de Atenas, nos séculos V e VI e a escola de Alexandria do Egito, coetânea da Ateniense³.

Os dois primeiros círculos mencionados por O'Meara são relevantes para a reflexão proposta no presente estudo, pois Porfírio, discípulo de Plotino, foi o compilador da obra de seu mestre, *As Enéadas*, e, além disso, foi justamente uma carta de Porfírio que provocou a reação de Jâmblico e a resposta através da obra *Sobre os mistérios*. Vale ressaltar, ainda, o fato do filósofo sírio ter sido discípulo de Porfírio, ou seja, as perguntas provocativas feitas por parte de Porfírio poderiam pretender questionar os caminhos seguidos por seu ex-aluno, ao optar por aliar filosofia, teologia e teurgia em sua escola de Apameia⁴. Uma das peculiaridades de seu círculo seria a conjugação das concepções filosóficas gregas aos preceitos e práticas da teurgia de origem oriental.

Como resultado da querela entre Porfírio e Jâmblico, o filósofo sírio produziu uma obra, mais tarde dividida em dez livros, cujo nome já indicava do que tratava especificamente o seu conteúdo. O título original do escrito de Jâmblico não era *Sobre os*

² O presente trabalho é produto da pesquisa realizada no âmbito do Programa Prociência da UERJ, com fomento da FAPERJ.

³ Cf. O'MEARA, Dominic J. *Platonopolis: Platonic Political Philosophy in Late Antiquity*. Oxford: Clarendon Press, 2005, p. 15.

⁴ Idem, p.16.

mistérios, esse foi cunhado por Marsílio Ficino⁵, o tradutor da obra para o latim no Renascimento, mais precisamente, na edição de 1497⁶. O título original da obra é *Resposta do mestre Abámon à carta de Porfírio dirigida a Anebó e soluções às dúvidas nela expressas*. Vale ressaltar que justamente o título suscitou a desconfiança em relação à autoria da obra, hoje creditada definitivamente a Jâmblico.

As razões que levaram o filósofo da escola de Apameia a atribuir a autoria de sua resposta a um outro mestre é ainda tema de discussão. Entretanto, há a hipótese de, através da criação de uma personagem que é “mestre” como Porfírio, Jâmblico ter encontrado uma maneira de responder a Porfírio sem ter de haver a alusão à relação mestre-discípulo, pela qual ambos foram ligados no passado⁷. A resposta de Jâmblico pretende esclarecer e corrigir os conceitos expressos nas aporias de Porfírio, oferecendo, como o próprio texto indica na abertura do livro I, as respostas adequadas aos conteúdos diversos das perguntas, bem como os ajustes necessários:

Se apresentas uma pergunta filosófica, responder-te-emos também isso de acordo com as antigas tábuas de Hermes, as quais Platão e, antes, Pitágoras, que leram do princípio ao fim a filosofia, compartilharam, justificando as questões de outro tipo ou contraditórias e as que parecem irreconciliáveis, calma e equilibradamente, ou a estranheza delas indicaremos.[...] Concederemos a ti a particularidade a respeito de tudo adequadamente, e responderemos às (questões) teológicas, teologicamente; às teúrgicas, teurgicamente; filosoficamente, as filosóficas contigo examinaremos.⁸

No presente artigo, não serão discutidas as argumentações iniciais do texto, encontradas no livro I da obra, mas serão observadas as aporias de Porfírio, reproduzidas ao longo do texto de Jâmblico, especificamente no livro II da obra, o qual apresenta ao leitor

⁵ Ficino foi um expoente da escola platônica de Florença e tradutor para o latim de várias obras ligadas às ideias do platonismo e do neoplatonismo. Cf. HANKINS, James. *The Cambridge Companion to Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. xii-xiii.

⁶ Cf. JURADO, Enrique Ángel Ramos. Introducción. In: JÂMBLICO. *Sobre los misterios egípcios* (intr., trad. e notas Enrique Jurado). Madri: Editorial Gredos, 2008, p.7.

⁷ São muitas as hipóteses levantadas ao longo da história para a questão da autoria da obra aqui estudada. A introdução à tradução de Clarke, Dillon e Harshbell oferece um panorama do debate. Cf. JÂMBLICO. *De Mysteriis* (trad., intro. e notas Clarke, Dillon e Harshbell). Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003 p. XXVI-XXXVII.

⁸ JÂMBLICO. *Sobre os Mistérios*, tradução inédita, livro I, 5, 12; 6, 1-5. Todos os fragmentos da obra de Jâmblico foram traduzidos diretamente do grego pela pesquisadora durante uma das etapas da pesquisa. Os fragmentos sempre serão indicados pelas iniciais do título, *Sobre os mistérios – S.M*, pelo número do livro e pelo parágrafo e linhas em que estão localizados os trechos.

os gêneros superiores e suas diferentes constituições em termos de essência (ou)si/a), força (du/namiv) e atividade (e)ne/rgeia), em um primeiro momento e o desdobramento dessas diferenças no que diz respeito à aparência dos seres superiores diante do humano.

Os questionamentos de Porfírio abordados por Jâmblico, nas primeiras linhas do livro II, mencionam especificamente *daímones*, heróis e almas, como se lê a seguir:

É preciso provar também isso a você, *daímones*⁹ e heróis diferem da alma de acordo com a essência de cada um ou de acordo com a força ou de acordo com a atividade. Digo, desse modo, que os *daímones*, de acordo com a geração e a criação pela força dos deuses, na finalização para além da processão, são criados pelas mais altas divisões; os heróis, por outro lado, de acordo com as razões da vida nos deuses, e que as primeiras e últimas medidas das almas se completam e se dividem a partir deles [...]¹⁰

É importante ressaltar que Porfírio, cujas perguntas são “reproduzidas” e revistas pelo filósofo sírio, realiza seus questionamentos com base no pensamento de Plotino, do qual foi discípulo¹¹ e sua compreensão das hipóstases, mais próxima daquela idealizada por seu mestre, difere em grande parte da concepção jambliqueana: para Porfírio, a alma estaria na terceira hipóstase, sendo um desdobramento do plano inteligível, o qual, por sua vez, seria advindo do deus universal. Para Jâmblico, os seres superiores ocupariam o espaço da terceira hipóstase e as almas ocupariam a extremidade da processão divina, como será verificado mais adiante.

Ao avançar na leitura do texto de Jâmblico, percebe-se que o autor considera o questionamento de Porfírio¹² parcial, pois é preciso falar de mais gêneros superiores para que se possa compreender melhor a diferença entre os três mencionados. Nesse sentido, é preciso conhecer todos os “gêneros superiores” que compõem as várias manifestações do divino.

⁹ Há a opção por não traduzir o termo *daímon* como demônio ou gênio, uma vez que ambos os termos estão impregnados de significados diversos em nossa cultura e não conseguem fazer uma referência específica ao vocábulo grego.

¹⁰ *S. M.*, livro II, 67, 1-6.

¹¹ Cf. BARACAT JÚNIOR, José Carlos. A inserção do tratado “Sobre a natureza, a contemplação e o Uno” no arranjo sistemático das *Enéadas* e na ordem cronológica dos escritos de Plotino. In: PLOTINO, *Enéada III. 8 [30]*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008., p. 22-23.

¹² Aqui, parte-se do questionamento de Porfírio reproduzido no texto de Jâmblico.

Para iniciarmos a apreciação dos conceitos de Jâmblico, é importante antes entender o que o filósofo considera gêneros superiores¹³, pois é justamente em relação a esses que serão feitos os questionamentos de Porfírio, reproduzidos por Jâmblico.

Os gêneros superiores, de modo geral, como manifestação do divino, começam a ser apresentados ao leitor, no livro I de *Sobre os mistérios*. São especialmente indicados a partir de uma série de questionamentos que teriam sido propostos por Porfírio, no que diz respeito ao movimento ou à essência, entretanto, não são nomeados ainda. Esses gêneros, os quais serão apresentados em detalhe no livro II, serão responsáveis pelo contato do humano com o divino, através do processo teúrgico, ou seja, através dos rituais sagrados¹⁴, que permitem aos mortais o contato com as diversas essências que compõem a processão divina. Tem-se uma espécie de gradação de essências divinas que vão desde as que estão mais próximas dos deuses e esses das causas e princípios primeiros de uma unidade primordial¹⁵, até as mais distantes, como o caso das almas. Os elementos da processão divina são os deuses, os arcontes, os arcanjos, os anjos, os *daímones*, os heróis e as almas. Esses elementos não são apresentados desde o início do livro II ordenadamente, mas em função do modo como o autor precisa responder ao questionamento de Porfírio, o qual, inicialmente, se referia à maneira como *daímones*, heróis e almas difeririam, e, igualmente, à relação entre esses três elementos do divino em termos de geração e proximidade.

A argumentação de Jâmblico é necessária para a defesa das ideias por ele postuladas, as quais contrastam, como já foi dito, com o pensamento de Porfírio e Plotino. Vale destacar, como Taormina ressalta¹⁶, que a proposta Jambliqueana não apenas modifica o ordem das hipóstases de Plotino e Porfírio, mas leva a “uma mudança interna do sistema”¹⁷, ou seja, se para Plotino a primeira hipóstase é o Um e para Porfírio é o primeiro Deus, em Jâmblico, temos Deus e os deuses. Taormina chama a atenção para uma mudança na meta-ontologia dos dois primeiros neoplatônicos em relação a Jâmblico. Nota-se ainda que a prática teúrgica, tanto para Baract Júnior, quanto para Taormina, teria relação com a

¹³ Do grego, respectivamente, krei/ttwn (superior, melhor, elevado) e ge/nov (gênero, raça).

¹⁴ É importante ressaltar que os processos ritualísticos propriamente ditos serão tratados a partir do livro III.

¹⁵ É interessante observar que há uma harmonia entre unidade e multiplicidade, pois se tem a ideia de uma unidade primeira geradora dos gêneros superiores, uma pluralidade de elementos divinos. Algo que dialoga com as ideias do *Parmênides* de Platão.

¹⁶ Cf. TAORMINA, Daniela Patriza. *Jamblique critique de Plotin e de Prophyre – quatre études*. Paris: Vrin, 1999, p.10.

¹⁷ Idem.

concepção meta-ontológica presente no pensamento de Jâmblico, pois há a ideia de que os seres superiores intermediam a relação entre divino e as camadas mais remotas desse divino, a saber, a alma humana.

Entretanto, a pergunta que suscita a apresentação dos diversos elementos da processão divina é apresentada apenas na parte 3 do livro II:

Entretanto, acerca das aparições deles¹⁸, continuo. Qual diferença, então, teriam? Questionas, pois, qual é o conhecimento da presença de um deus ou de um anjo ou de um arcanjo ou de um *daímon* ou de um arconte ou de uma alma. Então, com um discurso em relação às essências deles, às forças e às atividades, determino serem as aparições concordantes. Esses são assim, pois, eles também se mostram aos que chamam, manifestando atividades e ideias com eles concordantes e apresentam sinais relativos a eles.¹⁹

A partir do questionamento aludido, o autor vê a possibilidade de discorrer sobre os gêneros superiores a respeito de suas várias possibilidades de manifestação, oferecendo ao leitor a oportunidade de compreender o espetáculo das aparições divinas e, igualmente, o potencial risco do humano se expor a determinadas epifanias. Tal ponto é bastante relevante se for levado em conta o fato de se realizar invocações desses gêneros divinos durante as atividades teúrgicas. É relevante ressaltar ainda o dado de que, para o mestre Abámon, a “voz” que responde a Porfírio, haverá sempre uma correspondência entre atividade, força, essência e a aparência dos seres superiores. Nesse sentido, a maneira como um arconte se manifesta estará necessariamente ligada à sua constituição, a qual, por sua vez, estará mais intensamente ligada às causas e aos princípios divinos em função de sua proximidade dessa fonte primeira do divino, na escala dos seres superiores²⁰.

O termo processão divina, que indica justamente a ordenação das essências que são criadas a partir dos princípios e causas divinas, em várias gradações – das essências mais próximas, como a dos deuses, até as mais distantes na escala, caso das almas – pode ser lido logo no início do livro II, no momento em que o autor busca responder ao questionamento de Porfírio sobre a diferença entre *daímones*, heróis e almas. O termo em grego é *pro/odoç*

¹⁸ Dos gêneros superiores.

¹⁹ *S.M.*, livro II, 70, 7-13.

²⁰ Sobre esse tema, o livro de Gregory Shaw é bastante esclarecedor, além de ser uma das obras de referência para o estudo da alma em Jâmblico. Cf. SHAW, Gregory. *Theurgy and the Soul: The Neoplatonism of Iamblichus*. S/L, Angelico Press, 2004.

e pode ser traduzido também por “emanação”, como na tradução para o inglês realizada por Clarke, Dillon e Hershbell²¹. É interessante refletir sobre a observação dos tradutores a respeito da ideia que estaria contida no termo, a de uma gradação das essências emanadas pelos princípios divinos, que fariam com que, quanto mais afastado dos princípios e causas divinas, mais numerosos sejam os elementos daquele gênero superior, ou seja, o número de arcontes será sempre menor que o de *daímones*, o de *heróis* será maior que o de *daímones* e, finalmente, as almas serão o gênero superior mais numeroso²². Preferiu-se, na tradução realizada em torno da obra de Jâmblico, o termo “processão”, como o faz igualmente o tradutor da obra para o espanhol, Ramos Jurado²³, por entender que o termo pode oferecer a ideia não apenas de emanação de alguma força ou essência, mas o de uma multiplicidade de essências que se subdividem e avançam a partir das causas e dos princípios divinos em determinada ordenação, com a ideia da preposição pro/ que guarda a ideia de direção para e a raiz do vocábulo caminho/estrada, o(do/v).

Como já foi mencionado, os serem superiores se dividem, de acordo com a obra aqui estudada, em sete gêneros superiores: deuses (qe/oi), arcontes (a!rxontev), arcanjos (a!rxa/ggeloj), anjos (a!ggeloj), *daímones* (dai/monev), heróis (h#rwej) e almas (yuxai/). Observe-se que os termos que guardam a raiz do vocábulo a!ggelov já perderam a ideia primeira de “mensageiros” que poderiam ser humanos. Em Jâmblico, já guardam totalmente a ideia de elementos de emanação divina e não apenas mensageiros da divindade. Dos sete gêneros apresentados por Jâmblico, os que mais receberam exegeses ao longo da história da filosofia grega foram os *daímones* e as almas. Nota-se ainda que o próprio Jâmblico tem um escrito sobre a temática da alma, cujo título atribuído pelos editores latinos é *De anima*. Entretanto, no livro II da *Sobre os mistérios*, é oferecido um espaço para a caracterização detalhada de todos os gêneros superiores, de acordo com a divisão jambliqueana.

Para falar dos gêneros superiores e suas manifestações perante o humano, o autor oferece a diferenciação dos gêneros superiores através de diferentes características, tais como sua simplicidade e complexidade, sua mutabilidade, sua intensidade em termos de

²¹ Cf. JÂMBLICO. *De Mysteriis* (trad., intro. e notas Clarke, Dillon e Harshbell). Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003, p. 84.

²² Idem, ibidem, p. 84.

²³ Cf. Idem. *Sobre los misterios egípcios* (intr., trad. e notas Enrique Jurado). Madri: Editorial Gredos, 2008, p. 83.

luz, sua beleza, entre outras, as quais serão mencionadas ao se elencar as diferenciações determinadas no texto. Interessante ressaltar o fato de as informações serem oferecidas em detalhe para salvaguardar a verdade e evitar possíveis interpretações errôneas. De fato, o livro II é uma peça fundamental para a defesa do trabalho teúrgico e para a compreensão do modo como, verdadeiramente, pelo menos na perspectiva do filósofo sírio, as diferenças entre as essências divinas podem se manifestar ao teurgo.

A pergunta de Porfírio, registrada por Jâmblico, faz referência justamente à maneira como é possível diferenciar a epifania de um gênero superior de outro: “Entretanto, sobre as aparições deles prossigo. Qual diferença então teriam? Questionas, pois, qual é o sinal da presença de um deus, de um anjo, de um arcanjo, de um *daímon*, de um arconte ou de uma alma” (*S.M.*, Livro II, 70, 7-14) . Em resposta ao questionamento, o autor indica que a maneira de perceber a diferença entre cada um desses gêneros se dará através da observação de vários detalhes. Há uma complexidade de dados a serem levados em consideração, dentre os quais a essência, a força e a atividade, cuja influência perpassará os outros dados de reconhecimento.

No processo discursivo de apresentação das diferenciações, encontramos campos semânticos relativos aos grupos de características, como a constância na aparição, a luminosidade das mesmas, o efeito no humano, uma vez que há aparições que podem ser nocivas ao humano. Um bom exemplo está no seguinte fragmento, o qual apresenta uma gradação entre os gêneros superiores:

Novamente, então, as (aparições) dos deuses são completamente imutáveis de acordo com tamanho, forma, aparência e de acordo com todas as coisas em torno deles. As dos arcanjos, estando próximos às (essências) dos deuses, afastam-se da identidade deles. As dos anjos também são inferiores às deles, imutáveis por sua vez. As dos *daímones* se mostram diferentemente em relação à outra forma visível, também aparecem maiores e menores. Mais ainda, as dos arcontes, os quantos sejam hegemônicos, existem imutáveis, e as dos envolvidos em matéria serão mudadas de várias formas. As dos heróis assemelham-se às dos *daímones*. As das almas são inferiores, não em poucas partes, à mudança *daimônicas*.²⁴

²⁴ *S.M.*, livro II, 72, 1-9.

Observamos uma correlação do tamanho (me/gegov), da forma (morph/), da aparência (sxh~ma) e, igualmente, de acordo com as coisas que estão próximas a eles. Isso é interessante, na medida em que se observa que o contato das diferentes essências dos gêneros superiores, de acordo com Jâmblico, pode proporcionar diferenças em suas epifanias. Os deuses, o gênero mais próximos das causas primeiras e do princípio divino, mostram-se imutáveis, não sofrendo influência dos outros gêneros. De fato, é possível entender melhor essa afirmação se a processão divina for compreendida como um processo de hipóstases em sequência, em que cada elemento é um desdobramento do mais elevado.

Se levarmos em conta as reflexões de Plotino, na *Enéada III 5*, em que ele trata do Amor e afirma: “Portanto, não há dúvida de que esse Amor é uma hipóstase, uma essência proveniente de outra essência, inferior à essência da qual emanou(...)”²⁵. Se a processão dos gêneros superiores for compreendida como uma sequência de hipóstases, necessariamente, os elementos desdobrados serão inferiores às essências das quais emanaram. Mesmo havendo uma diferenciação na ordenação das hipóstases nos pensamentos de Plotino, Porfírio e Jâmblico, o processo de desdobramento continua seguindo a mesma lógica.

Dando continuidade às descrições de Jâmblico, os arcanjos não são descritos como apresentando aparições imutáveis ou mutáveis, mas sabe-se que são essências que se afastam da identidade dos deuses, algo que pode ser compreendido por sua posição no processo de hipóstase. Embora inferiores, os anjos mostram aparições imutáveis, como as dos deuses. O caso dos arcontes é interessante, pois a descrição oferece a ideia de que há dois tipos de arcontes, os hegemônicos, ou que lidam com a administração do cosmos, como preferem os tradutores para a língua inglesa²⁶, e os arcontes envoltos na matéria e, por isso mesmo, sujeito a mudanças várias, as quais podem ser compreendidas justamente pelo fato de não estarem puros em sua essência própria, mas, em contato com essências de outras matérias. Nota-se, novamente, uma proximidade da argumentação encontrada em *Sobre os mistérios* em relação às *Enéadas*, pois lá também há a ideia de que a elevação da alma está ligada ao fato dela estar mais ou menos “infectada pela natureza corporal(...)”²⁷.

²⁵ Cf. PLOTINO, *Tratado das Enéadas* (trad. E introd. Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000, p. 105.

²⁶ Cf. JÂMBLICO, *opus cit.*, 2003, p. 89.

²⁷ Cf. PLOTINO, *opus cit.*, p. 27.

As informações apresentadas ao longo do livro, fazem com que o leitor vá, pouco a pouco, acompanhando as diferenciações entre as aparições, cujas descrições são acrescidas de mais elementos, parágrafo a parágrafo, como no fragmento seguinte:

Além de todas essas peculiaridades, as visões (dos deuses) iluminam a beleza irresistível, com maravilha cercam os que veem, exibindo alegria divinal, manifestando-se com simetria indizível, que transcende todas as outras formas de beleza. As dos arcanjos, felizes visões, têm também um grau dessa beleza, não verdadeiramente ainda indizível e maravilhosa de igual modo como a divina. As dos anjos, em parte, já partilham a beleza a qual recebem dos arcanjos. As dos *daímones* e dos heróis, por sua vez, sopros²⁸ de divinações diretas do divino, têm ambas a beleza nas formas definidas. Entretanto, o que ordena em proporções que diferenciam a essência é *daimônico*; o que mostra a coragem, heroica. As dos arcontes, devem ser distintas em duas formas: pois, de um lado, elas mostram uma beleza hegemônica e espontânea, de outro, exibem uma bela forma que foi fabricada e restaurada. As das almas, elas também são ordenadas em proporções que são finitas, e, certamente, aquelas são mais distintas do que nos heróis; são, separadamente, envolvidas e são dominadas por uma forma. Se é preciso, de acordo com todas elas, determinar seu denominador comum, digo, de todas, que cada uma delas é disposta e que têm naturezas próprias, como também que elas têm o quinhão determinado de acordo com a existência.²⁹

As visões agora estão definidas no campo da beleza (ka/llov³⁰), da beleza que suplanta qualquer outra, qualificada pela simetria indizível (a!rrhtov summetri/a), carregando consigo a alegria divinal (qespesi/a eu)frosu/nh) e maravilha (qau~ma). Há manifestações diversas da beleza, em graus diferentes, paralelas, no caso dos arcontes, dependendo de se tratar de um arconte hegemônico ou de um cujo contato com a matéria não anula a beleza, mas fala de uma bela forma fabricada e restaurada, em contraste com a beleza hegemônica e espontânea. Todavia, todas as epifanias permanecem adjetivadas por elementos de um campo semântico ligado à ideia de belo, a qual, curiosamente, é relacionada a uma simetria indizível, termo que adjetiva as palavras dirigidas aos deuses ou deles emanadas secretamente, a!rrhtoi lo/goi que perpassam as tradições religiosas gregas

²⁸Traduzida por pneumáticas também.

²⁹ *S.M.*, livro II, 73, 5-14, 74, 1-9.

³⁰ Note-se que se trata do substantivo que é traduzido por beleza e não o adjetivo kalo/v, que poderia acompanhar um substantivo. Fala-se da beleza em essência e não como adjetivo de uma essência.

mais antigas, como aponta Altani em seu livro sobre o oráculo de Delfos e as palavras sagradas³¹.

A luminosidade é outro elemento de diferenciação das epifanias divinas e, ao lado dela estão, ainda, a clareza, o fogo, a pureza. E, para além desses dados, o autor de *Sobre os mistérios* elenca também os efeitos provocados pelas epifanias, os quais variarão de acordo com a essência de cada gênero, bem como por sua força que pode ser compreendida como algo que afeta sua intensidade, além de sua atividade, a qual pode ser relacionada à estabilidade e à mobilidade da aparição. Um exemplo do efeito das aparições está descrito no fragmento seguinte:

Além disso, os dons das epifanias nem são sempre os mesmos, nem têm os mesmos frutos. Entretanto, a presença dos deuses nos dá saúde corporal, virtude de alma, o mais puro do pensamento e, para falar de modo simples, de todas as coisas em nós até a elevação para seus próprios princípios. Também o que é frio e destrutivo remove; o que é quente aumenta e torna mais forte e mais dominante; faz tudo ser medido novamente com a alma e com o pensamento, brilha a luz com harmonia mental, mostram também o que não é corpo como corpo, aos olhos da alma, através do corpo deles.³²

Diante da epifania divina, o humano não está suscetível apenas de tomar ciência de desígnios dos deuses, mas de receber dele dons (dw~ra) como a saúde corporal, a purificação de mente e corpo, até um processo de elevação do humano aos princípios divinos. Note-se que pensamento (nou~v) e alma (yhxh/) são os elementos que passam a medir (a)nametrei~n), havendo, igualmente, a ideia de harmonia metal. Em suma, a exposição a uma epifania dos deuses só traz benefícios ao humano, sobretudo, se oferecer os elementos divinos ou ligados ao divino e presentes no mortal, com medida, com harmonia. Desse modo, o autor faz com que o leitor se lembre do ideal grego para a vida: “nada em excesso”.

Nesse ponto, justamente, é possível perceber como o pensamento de Jâmblico procura harmonizar os processos da teurgia que geram o contato com os seres superiores ao processo de elevação das almas que é postulado, por exemplo, por Plotino. A diferença reside no fato de que Jâmblico inclui os gêneros superiores em contato com o humano,

³¹ Cf. ALTANI. *Άρρητοι λόγοι – Επιδαύρος θόλου αποκάλυψις*. Atenas: Edições L. Georgiadis, 2012.

³² *S.M.*, livro II, 81, 9-15, 82, 1-10.

através dos processos teúrgicos, como meio de elevação, enquanto Plotino de que se deve subir em busca do Bem, que é o Uno:

Então, precisamos subir de novo em direção ao Bem, para o qual tende o desejo de todas as Almas. Quem quer que o tenha visto sabe o que quero dizer quando digo que é belo. Como bem, ele é desejado e o desejo tende para ele; mas só alcançam aqueles que se elevam à região superior e se despojam das vestes que colocaram em sua descida³³ – como aqueles que sobem em direção aos santuários dos templos devem se purificar, deixar de lado suas antigas vestes e subir sem elas – até que, tendo abandonado nessa subida tudo que é estranho a Deus, vejam sozinhos, em seu isolamento, simplicidade e pureza o Ser do qual tudo depende, para o qual todos os olhares se dirigem, do qual provêm o ser, a vida e o pensamento, pois ele é a causa da Vida, da Inteligência e do Ser.

O processo descrito acima por Plotino nos fala do exercício de contemplação direta do Ser supremo, Uno ou Deus, que, para o filósofo egípcio, pode ser realizado sem intermediários. Aqui reside uma diferença tremenda entre as concepções de Plotino e Jâmblico, justamente pelo sírio postular a teurgia como caminho para o divino e para o processo de purificação da alma encarnada e, igualmente, do corpo.

Voltando, novamente a atenção para as descrições de Jâmblico, observa-se que os outros gêneros também podem oferecer benesses ou não, dependendo de uma série de outros detalhes, como o caso dos *daímones* os quais podem deixar o corpo doente e, diferentemente da epifania dos deuses, não elevam a alma e o pensamento, mas impelem o mortal para mais perto de sua natureza finita. A epifania dos heróis, por mais próxima que esteja daquela dos *daímones*, parece ter a função de exortar o humano à realização de ações nobres. Esse detalhe merece ser destacado, uma vez que o autor menciona a existência de *daímones* que são nocivos ao humano, porque são aqueles que punem o humano. Assim, há a ideia de que, dentre os gêneros superiores, pode não oferecer a elevação da alma encarnada, mas oferecer a punição que a leva a se imiscuir mais ainda na matéria sensível e baixa³⁴. Além disso, nos livros III e VII, será mencionada a existência de *daímones* ligados

³³ Metaforicamente, pode ser compreendida como a alma encarnada.

³⁴ S.M., livro II, 84, 6-7.

em maior ou menor grau à materialidade, como aponta Svoboda em sua introdução ao diálogo de Michail Psellós sobre a atividade dos demônios³⁵.

Para além de destacar as epifanias dos deuses, gênero superior, como já foi dito, mais próximo das causas e dos princípios divinos, vale igualmente observar o efeito das aparições das almas, o gênero superior mais distante das causas e princípios divinos. Assim, será possível compreender as manifestações das essências mais extremas da processão divina.

Mas, por sua vez, a visão das almas, das que são imaculadas e colocadas na classe dos arcanjos e anjos, é elevada e, libertada da alma, mostra-se em uma esperança sagrada, e dentre aquelas (as almas), a esperança sagrada se exerce nas boas e oferece os dons delas. A (visão) das outras, rebaixada, existe junto à geração, destrói os frutos da esperança e enche de paixões que prendem os que contemplam nos corpos.³⁶

Note-se que as almas que podem oferecer epifanias dividem-se em dois tipos, as que são imaculadas e estão à altura dos anjos, em termos de aproximação à essência primeira divina, e se libertaram da sua condição de alma; e as que se afastaram do divino primeiro e estão próximas ao processo mortal da geração, o que pode remeter ao leitor à ideia do renascimento no corpo perecível. Interessante observar a presença das paixões, elementos da desmedida por excelência. Essas observações estão em perfeita correlação com o conceito plotiniano no que diz respeito às almas que se elevam e às que se impregnam nos desejos e paixões da matéria sensível, como é possível perceber através da seguinte passagem que expõe seu entendimento sobre a alma feia:

Imaginemos uma alma feia, dissoluta e injusta, cheia de todas as concupiscências e desequilíbrios interiores (...). Uma alma que só pensa nas coisas perecíveis e baixas, é sempre perversa, deleita-se com prazeres impuros, vive a vida das paixões corporais e tem prazer com sua própria feiura.(...) É como um homem que mergulha no lodo: sua beleza deixa de ser visível, pois o lodo passa a ser visível.³⁷

³⁵ Cf. SVOBODA, Karel. *La démonologie de Michel Psellós*. Brno: Filosofická fakulta s podporou Ministerstva školství a národní osvěty, 1927, p.15

³⁶ *S.M.*, livro II, 83, 2-7.

³⁷ Cf. PLOTINO, *opus cit.*, p. 27.

A compreensão dos vários aspectos da alma é uma constante preocupação para Jâmblico e o tema é mais detalhado ainda durante a exposição do livro II, além de ser tema de outra obra do autor, como já foi dito. Entretanto, optou-se aqui por abordar a diversidade de epifanias dos gêneros superiores, não em sua totalidade, uma vez que a riqueza de detalhes é imensa e não caberia em um artigo apenas, mas merecerá um estudo mais amplo a ser publicado juntamente com a tradução do texto feita diretamente do grego.

A leitura do livro II de *Sobre os mistérios*, bem como da obra como um todo, pode oferecer reflexões bastante instigantes àqueles que se interessem por compreender os caminhos da teurgia filosófica defendida por Jâmblico e, além disso, almejam investigar uma filosofia que se imbrica no pensamento teológico, algo que fez ser o filósofo de Apameia considerado o primeiro indivíduo a empreender uma filosofia teológica, como aponta com muita pertinência Smith.

Tal compreensão se dá pelo fato de se tratar do primeiro escrito a fazer uma investigação a respeito do fenômeno religioso. O tema é suscitado no momento em que se encerra o presente artigo para que se possa afirmar, mais uma vez, o valor de Jâmblico como filósofo e, do mesmo modo, o valor da *Carta a Anebó* como um dos documentos mais relevantes para a compreensão da teologia da antiguidade por um viés investigativo filosófico. Por essa razão, traz-se um trecho de Smith sobre o tema, pois vale lembrar que muitos, como Dodds, desqualificaram a obra jambliqueana como um manifesto do irracional³⁸.

Is not until the fourth century A.D. that we come across what I would describe as a genuine expression of philosophy of religion. It is to be found in the *De mysteriis* of Iamblichus, a work which has not yet been accorded the importance it deserves as central document in the history of philosophy of religion³⁹.

Evidentemente, trata-se de uma discussão que mereceria um espaço maior. Entretanto vem a propósito ao se encerrar essa leitura de passagens do livro II, no que diz respeito à processão divina e às manifestações dos gêneros superiores. Isso por ser possível perceber, na argumentação de Jâmblico, não apenas a descrição de processos, mas a busca

³⁸ Cf. DODDS. *Theurgy and Its Relationship to Neoplatonism*. In: *The Journal of Roman Studies*, Vol. 37, partes 1 e 2, 1947, pp.55-69.

³⁹ Cf. SMITH, A. Iamblichus, the first philosopher of religion? In: *HABRIS*, no. 31, 2000, p.346.

de se investigar a essência do divino e seu contato com o humano, havendo um destaque para os dados relativos à alma, tema caro tanto ao platonismo, aos estudos de Aristóteles, ao pitagorismo, ou a outras correntes filosóficas e de mistérios, como o hermetismo, na antiguidade.

Ao trazer o tema da ligação do mortal ao imortal-divino, o autor dessa imensa resposta pretende oferecer a imagem das emanções das causas e princípios divinos até o extremo da presença divina que é a alma humana. Há uma percepção da possibilidade de elevação da alma humana até a esfera angelical, em contraste, é evidente, com a possibilidade de “queda” da alma para a geração, fadada à corrupção. Entretanto, essa visão acaba por afirmar a hipótese de aproximação contínua da alma que habita o mortal até o divino mais elevado, algo que pode e será bem realizado por aqueles que se dedicam à teurgia defendida com veemência por Jâmblico de Cálcis.

Referências

- BARACT JÚNIOR, J.C. A inserção do tratado “Sobre a natureza, a contemplação e o Uno” no arranjo sistemático das *Enéadas* e na ordem cronológica dos escritos de Plotino. In: PLOTINO. *Enéada III. 8 [30]*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- DODDS. *Theurgy and Its Relationship to Neoplatonism*. In: *The Journal of Roman Studies*, Vol. 37, partes 1 e 2, 1947.
- HANKINS, J. *The Cambridge Companion to Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- JÂMBLICO. *De Mysteriis* (trad., intro. e notas Clarke, Dillon e Harshbell). Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.
- _____. *Sobre los misterios egípcios* (intr., trad. e notas Enrique Jurado). Madri: Editorial Gredos, 2008.no.
- _____. *Sobre os mistério*. (intr., trad., e notas Fernanda Lemos de Lima). Inédito.
- JURADO. E. A. R. Introducción. In: JÂMBLICO. *Sobre los misterios egípcios* (intr., trad. e notas Enrique Jurado). Madri: Editorial Gredos, 2008.
- O’MEARA, D. J. *Platonopolis: Platonic Political Philosophy in Late Antiquity*. Oxford: Claredon Press, 2005.
- PLOTINO. *Tratado das Enéadas* (trad. e introd. Américo Sommerman). São Paulo: Polar Editorial, 2000.
- SMITH, A. Iamblichus, the first philosopher of religion? In: *HABRIS*, no. 31, 2000, pp. 345-353.
- SVOBODA, K. *La démonologie de Michel Psellós*. Brno: Filosofická fakulta s podporou Ministerstva školství a národní osvěty, 1927.
- TAORMINA, D. P. *Jamblique critique de Plotin et de Porphyre*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1999.